

**Encruzilhadas Afro-Diaspóricas: Poéticas-Políticas de Identidade em Dany Laferrière e Marlene Nourbese Philip**

Roland Walter, UFPE/CNPq

Resumo:

Um dos fenômenos principais da nossa época é o crescente número de pessoas que se desterritorializam. Mover entre lugares significa, entre outras coisas, uma mudança/oscilação na maneira de pensar e agir; ou seja, afeta a episteme cultural/identitária. Identidades fixas e diaspóricas constituem encruzilhadas complexas onde sociedades se transnacionalizam. Este trabalho problematiza alguns aspectos desta encruzilhada glocal da perspectiva de dois escritores afro-canadenses, Marlene Nourbese Philip e Dany Laferrière. O objetivo é de analisar de que maneira a “transescrita” afro-diaspórica recria identidades transculturadas entre mares e lares racializados, sexuados e genderizados.

Palavras-chave: literatura afro-diaspórica, encruzilhada (trans)cultural, “transescrita”

We are always in the middle of the journey. .... We have no ancestry except the black water and the Door of No Return.  
(Dionne Brand)

Le marronnage est une opposition sociale, politique et culturelle ....  
(Édouard Glissant)

Segundo o último relatório da UN-RefugeeAgency UNHCR (Yearbook 2005), cada ano aumenta o número de pessoas que se desterritorializam. Mover de um lugar/região/nação para outro/a significa, entre muitas outras coisas, uma mudança na maneira de pensar e agir; ou seja, afeta a episteme cultural e por tanto identitária. Deduzindo de diversas fontes (Castles e Davidson; Chambers; Davies; Papastergiadis;), estas pessoas, — e entre estas a porcentagem de

mulheres, crianças e adolescentes esta cada vez mais alta — se deslocam por necessidade no sentido marxiano: o desejo básico de sobreviver e viver uma vida digna. Este fenômeno (um dos, se não o mais importante da nossa fase contemporânea de globalização e mundialização) tem que ser pensado dentro de um esquema imperial vigente que constitui a ordem neoliberal mundial: erráticos fluxos conjuntivos e disjuntivos de objetos, idéias, imagens, tecnologia, pessoas, e capital (Appadurai, 1990). Implícito nestes fluxos enquanto causa ou efeito, encontra-se “o aumento de controle corporativo sobre educação, água, pesquisa científica” (Klein, 2002, p.126), as políticas neoliberais do *dumping* social e o que Balibar (1991) chama de “neoracismo”, uma marginalização sociocultural baseada na incompatibilidade de diferentes costumes culturais.<sup>1</sup> O resultado (camuflado, é claro, pelo discurso e pela ideologia dominante): nesta fase imperial do capitalismo neoliberal a grande massa vive suas vidas de formas cada vez mais precárias enquanto que uma minoria goza de uma riqueza sem precedentes. Nesta atual dança perversa entre margens e centros, cabe perguntar qual é o papel da teoria, da literatura e dos trabalhadores culturais? Na tentativa de fornecer respostas direciono o meu olhar crítico à diáspora africana das Américas representada por dois escritores canadenses, Marlene Nourbese Philip e Dany Laferrière.

Escritores e críticos da diáspora africana pan-americana, baseada nas experiências transculturais da *Middle Passage*, escravatura, sistema de plantação, diversos tipos de trabalho forçado pós-abolição até a diáspora migratória da contemporaneidade neoliberal, têm revisado categorias e conceitos-chave dos chamados estudos pós-coloniais. Eles escreveram e continuam escrever desde entre-lugares socioculturais específicos que determinaram o que Carole Boyce-Davies (1994, p. 151) chama de sua “subjetividade migratória”. A condição intervalar do *Dasein* diaspórico — a constante migração entre o cá e o lá, o “*rootedness*” e a “*errantry*” (Glissant, 197, p. 211) — faz com que a maior parte dos afro-descendentes defina a sua identidade e posição de sujeito como sendo localizadas *entre* diferentes locais geográficos e sistemas significantes. A *performance* de diferentes localizações identitárias/epistêmicas, portanto, significa uma existência intervalar caracterizada por identidades/relações fluidas e dinâmicas. Nas escrituras dos afro-descendentes pan-americanos, cultura e identidade configuram-se além de características espaço-temporais, lingüísticas, discursivas e literárias fixadas e estáveis como entidades serpeantes, ondulantes. E raça, etnicidade, gênero, sexualidade, idade e classe, entre outros, surgem enquanto identificações (naturais ou construídas) relacionais que existem mediante em vez de antes de suas inter-relações. Estes pensadores afro-descendentes, portanto, em contraposição aos modelos binários/etnocêntricos, têm enfatizado (de maneiras diferentes) modelos relacionais onde a identidade/cultura se alimenta tanto de raízes enquanto de rotas e rizomas. Sua experiência novo-mundista tem nutrido uma visão híbrida/crioulizada/transculturada bem antes desta se

---

<sup>1</sup> As traduções neste trabalho são de minha autoria.

tornar um modismo dos estudos culturais/ pós-coloniais a partir dos anos 90 do século passado.

O termo que talvez melhor descreva essas localizações dinâmicas, a desterritorialização, é um conceito ambivalente: um duplo signo de perda e sofrimento e de potencialização que aloja a reterritorialização, ou seja, a capacidade de transformação enquanto oportunidade de escolher novas posições de sujeito. Esta ambivalência é característica da escrita africana pós-colonial das Américas na qual a desterritorialização da migração constitui um lugar de alienação e reconexão — lugar este, não somente em termos geográficos, históricos e intersubjetivos, mas também em termos de posição de classe, raça, sexualidade e gênero.

Como é que escritores/as afro-descendentes lidam com esta desterritorialização que se iniciou (e por muitos continua se iniciando) enquanto estupro físico e cultural? Gostaria de alegar que é principalmente mediante a linguagem e a memória. Para Marlene Nourbese Philip (1996, p. 21), "o artista africano do Caribe e do Novo Mundo tem que... criar em, enquanto dá nome a sua própria i-magem – e, neste processo, eventualmente curar a palavra ferida pelo deslocamento e pela desigualdade da equação mundo/i-magem. Isto só pode ser feito mediante uma reestruturação, uma reforma e, se for necessário, uma destruição consciente da língua. Quando a equação estiver igualada e a unidade entre a palavra e a i-magem mais uma vez presente, então, e somente então nós iremos ter reconquistado a língua". Em outras palavras, a língua do colonizador/opressor (neo)colonial enquanto lar *unheimlich*, tem que ser transformada ('*signified upon*', nas palavras de Gates) num lar *heimlich*. O lar e sua construção na língua, portanto, é um dos meios pós-coloniais mais cruciais para lembrar (e assim juntar) os fragmentos de uma cultura/história/identidade estilhaçada, violentada nos porões fétidos dos negreiros, perdida nas profundezas do mar, sedimentada nos muitos *abiko* espíritos, na "coisa quente" das resistências não-contadas pela História oficial, nos traços nômade dos quilombolas, em fim, entre os muitos ditos e não-ditos de diversos discursos. Para Philip, entre outros, explodir as correntes das práticas (neo)coloniais discursivas não significa simplesmente hifenizar os signos (Derrida) ou criar terceiros espaços (Bhabha). Esta ruptura por meio da dupla-escrita de signos, segundo Philip, não é suficiente. Em "Discourse on the Logic of Language" (1996, p. 58-75), a resistência lingüística de Philip materializa-se no que gostaria de chamar um *cunnilingus* enunciativo: "Coloca boca sobre as sílabas; umedece a palavra com língua. Lambe Desliza Brinca Acaricia Chupa — Ama-a, mas se a palavra engasga, não nutre, trinca-a — na sua fonte — Cuspe-a Recomeça" (1996, p. 69). Enquanto mímica reconstrutiva esta prática enunciativa "destrói a *ur*-palavra" (1996, p. 71) ao utilizar algumas partes do seu significante/significado e excretar outras. Esta re-semantização do signo na encruzilhada do contato intercultural — imbuída de sexualidade e violência embutidas nos múltiplos eixos da (neo)colonialidade do poder — interrompe enquanto une, liga enquanto separa, transformando o entre-lugar do multiculturalismo canadense no lar de uma trans-cultura que inscreve *blackness* no discurso branco da nação e esta na diáspora africana: uma dupla escrita que liga

elementos contraditórios numa estrutura dialógica conflituosa produzindo o que Pamela Mordecai (1990, p. viii) chamou de uma “visão prismática”, ou seja, “o impulso a pluralidades” no qual “uma coisa torna-se outra e ao mesmo tempo conserva sua identidade e integridade”.

O remapeamento discursivo de cultura, história e identidade enquanto resposta ao estupro epistêmico e físico — o que o poeta e crítico cubano José Lezama Lima chamou de “contraconquista” — tem como base a memória. Para muitos escritores negros, a memória, o processo seletivo de codificar imagens mediante memorização e esquecimento, tem sido um meio de cura: um lugar multidimensional do qual é possível criar lares, reconstruir identidades e conceber estratégias de resistência dentro de um processo histórico sedimentado. É importante lembrar que a memória, transferida da experiência vivida dos ancestrais africanos à imaginação coletiva, enfatiza a descontinuidade entre o passado vivido e imaginado (Morrison, 1987; Bethel, 1997). Assim, o que caracteriza tanto os *lieux* quanto os *milieux de mémoire* (Nora) não é uma verdade histórica, mas versões do passado geradas e sustentadas por uma memória inventada porque recontada: um contínuo processo de reimaginação oral e escrita. Com base em e ao mesmo tempo distanciada da memória vivida, a memória imaginada enquanto revisão tem sido uma das medidas mais importantes para recriar um *self* fragmentado e alienado na ficção negra pan-americana. O que relaciona diversas obras criativas é a recuperação da psique alienada/fragmentada baseada na afirmação criativa do trauma (pós-/neo)colonial e da crise existencial.

Enquanto Philip, no trecho acima examinado, memoriza este trauma via *performance* sexual/corporal no nível do discurso poético para criar e gozar de um lar/uma identidade transculturada, Dany Laferrière memoriza-o no nível do discurso ficcional. Laferrière, escritor afro-canadense de origem haitiano, dança sobre e através do hífen transcultural ligando e separando lugares e espaços. Deslocando-se entre o Canadá, os Estados Unidos e Haiti, seus personagens buscam pertencimento étnocultural entre rotas e raízes. Laferrière explodiu na cena literária do Canadá em 1985 com a publicação de *Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer*. Um romance *hipster* à la Jack Kerouac, este texto-saxofone é soprado mediante curtas frases hemingwayanas, traduzindo a tese de Ezra Pound que a linguagem deve ajustar-se à eficiência de máquina: uma *jam session* caracterizada por rapsódias imagísticas sexuais e filosóficas. O narrador-autor-protagonista, inspirado por Charlie Parker, põe-se em cena louco para viver, falar e compor e impelido pelo desejo nu de redimir a história apocalíptica da aniquilação do homem negro por meio de relações sexuais com mulheres brancas: “je veux baiser son inconscient. ... JE VEUX BAISER SON IDENTITÉ. Pousser le débat racial jusque dans ses entrailles” (Laferrière, 1985, p. 74). O ato de escrever um romance (autobiográfico) torna-se neste processo sinônimo do ato de refletir sobre a relação sexual entre homens negros e mulheres brancas no racializado contexto sociocultural de Montreal dos anos 80 do século XX. Na obra de Laferrière, esta relação constitui uma tentativa altamente genderizada de traduzir “a dupla consciência” para uma dupla visão na encruzilhada da

transcultural canadense. Na sua definição de "dupla-consciência", Du Bois (1961, p. 16-17) descreve o impacto negativo que o racismo tem sobre a subjetividade, identidade e dignidade do afro-americano que vê a si mesmo e o mundo pelos olhos do outro. Este dualismo enquanto dicotomia cultural implica um conflito psicológico, um *self* dilacerado como resultado da internalização do *imago* do negro, o Outro (simultaneamente abjeto e desejado) construído pelo discurso dominante. Segundo Fanon, a internalização dos valores e práticas da cultura dominante produz "*aberrations of affect*" — aberrações que, no pior dos casos, causa nos afro-descendentes o desejo de ser branco e europeu. Estas aberrações são de natureza psicológica e existencial, implodindo e mudando a personalidade dos afro-descendentes. Segundo Fanon (1967, p.8) as dimensões existenciais deste complexo se encontram na "*zone of nonbeing*" que ele abre dentro da psique afro-caribenha. Para Fanon, esta "zona de não-ser" enquanto desvio existencial que condiciona a criação do ego é "uma região extraordinariamente estéril e árida, um declive completamente nu onde uma autêntica insurreição pode nascer". Uma zona, portanto, onde o ego dos subalternos colapsa e pode renascer. O colapso do ego é resultado de uma prática de exploração que implica um "não-ver projetante" que põe em vigor o desaparecimento fenomenológico dos subalternos. A invisibilidade, a ausência, a desterritorialização tornam-se atos constitutivos por meio dos quais o ego de quem domina reconstrói os significados da existência dos oprimidos. O renascimento do ego pode-se dar mediante uma "*re-visão*" — "*o ato de ... ver com novos olhos, de entrar num texto antigo a partir de uma nova direção crítica*" (Rich, 1979, p.35) — um ato de sobrevivência/resistência que abre as fronteiras fechadas do cativo existencial para o horizonte dos seus espaços fronteiriços no sentido de transmitir a capacidade de ser situado na tradição sem ser aprisionado por ela. Renascimento do ego que Fanon chamou "a libertação do negro de si mesmo" e que acima denominei dupla visão. O que me interessa em termos do texto de Laferrière é precisamente a interface onde o colapso do ego (dupla consciência) e o renascimento do ego (dupla visão) se encontram, criando a identidade fractal do indivíduo.

Esta interface psicológica da desconstrução e reconstrução do ego, cujo cronotopo é um contínuo espaço-tempo caracterizado por uma condensação de diferentes tempos e espaços, junta opressor/colonizador e oprimido/colonizado numa dança perversa:

Nègre out. Go home Nigger. ... *Hasta la vista*, Negro. Last call, Colored. Retourne à la brousse, p'tit Nègre. Faites-vous hara-kiri là où vous savez. Regarde, maman, dit la Jeune Blanche, regarde le Nègre Coupé. Un bon Nègre, lui répond le père, est un Nègre sans couilles. Bon, bref, telle est la situation en ce début des années 80 marquées d'une pierre noire dans l'histoire de la Civilisation Nègre. ... LA VENGEANCE NÈGRE ET LA MAUVAISE CONSCIENCE BLANCHE AU LIT ....LA HAINE DANS L'ACTE SEXUEL EST PLUS EFFICACE QUE L'AMOUR ... L'HISTOIRE NOUS SERT D'APHRODISIAQUE. (Laferrière, 1985, p.17, 19, 97).

O que liga os capítulos em termos de temática é o que liga as diferentes fases de subalternização desde o sistema de plantação até o eco-turismo e *push and pull* sistema de migração do capitalismo tardio: violência, agressão, a ambivalência de desejo e abjeção (racismo/sexismo), exploração e hostilidade. Laferrière focaliza um dos centros desta experiência: o corpo humano na interface do público e privado. Uma vez que tanto a máquina da plantação e sua indústria de ‘criação’ humana quanto o sistema pós-emancipação manipulou o *Dasein* dos negros neste entre-lugar tornando-o altamente outrizante, o duplo olhar de Laferrière desde tanto do lugar do Outro quanto daquele do outrizado dialoga e transforma este espaço mediante a paródia e o pastiche.<sup>2</sup> Como tal, este olhar-escrita inverte a perspectiva do processo outrizante dentro deste espaço, mas não muda a natureza dele. Em outras palavras, emancipado para dentro deste espaço como homem negro, Laferrière utiliza os instrumentos herdados da cultura dominante para deformar/inverter o domínio desta em detrimento da mulher branca: alter-domínio, resistência e/ou emancipação subalterna em processo? Ou seja, o domínio (do corpo) da Outra — o que é o principal fantasma do narrador porque parece estar obcecado pelo desejo por estudantes brancas de classe alta e pelo que ele imagina que elas desejam, a saber, seu corpo negro — pode redimir uma história apocalíptica?

As reflexões do narrador sobre suas aventuras sexuais funcionam como o inconsciente freudiano — sua dinâmica fundamental sendo o regresso do reprimido como resposta à *Verleugnung* — e o lugar deste trabalho é a enunciação. Assim, se segundo Laferrière “a história serve” como “afrodisíaco” para negros na diáspora porque o desejo reprimido de ambos, negros e brancos, pode ser representado e vivido, então o que volta à superfície da modernidade pós-colonial e deixa sentir sua presença consciente é seu inconsciente colonial. Ademais, esta volta do inconsciente colonial reprimido (*verleugnet*) que persegue o presente pós-colonial sufoca sentimentos e sensibilidades num processo de racialização: “IL N’Y A PAS DE FEMMES ICI, IL Y A DES BLANCHES ET DES NÈGRES, C’EST TOUT” (Laferrière, 1985, p.122). A cultura, imbuída da experiência vivida do racismo dos anos 80 em Montreal e da experiência imaginada da colonização passada, torna-se um tipo específico de poder-saber. Neste romance, as explosões orgásticas do presente pós-colonial, vestidas pelo passado colonial, revelam o cruzamento de raça e gênero como construções sociodiscursivas das relações de poder que caracterizam a cultura. *Comment faire l’amour*, portanto, não somente descreve que, mas porque “Les Nègres ont soif” (Laferrière, 1985, p.149). Esta sede que persegue a identidade faz sentir a sua presença precisamente no nível discursivo enquanto diferença racial, sexual, genderizada e cultural que é acompanhada pelo discurso de sua negação. A lacuna disjuntiva dentro do discurso (a volta da colonialidade reprimida), potencializada pela *Verleugnung* fornece o espaço-hífen mediante o qual Laferrière tenta recriar a relação quebrada entre palavra, etos e cosmovisão. Este texto, portanto, é pós-colonial

---

<sup>2</sup> Dialogar e transformar no sentido de “signifying” cunhado por Henry Louis Gates.

precisamente porque traduz o passado colonial *verleugnet* para o presente mediante a lacuna discursiva da cultura contemporânea. E é neocolonial porque usufrui do sistema patriarcal imbuído de um conceito de raça que não é o que Morrison (1998, p. 12) chama de “prized but unprivileged”.

Enquanto em *Comment faire l'amour* a dança dos corpos brancos e negros serve para construir/fortalecer o ego masculino de um imigrante haitiano em Montreal, em *Vers le Sud* esta dança, agora nas praias de Haiti, faz parte do turismo sexual neocolonial. Nos nossos tempos pós-tudo de mobilidade crescente, a porcentagem de mulheres e menores vendidos ou empurrados para o *sex business* está constantemente aumentando. As pessoas sem dinheiro para embarcar esperam aqueles que chegam em busca dos ritmos corporais. Um embaixador que se aproveita de mulheres haitianas em busca do visto para a entrada no ‘paraíso’ nórdico, mulheres brancas de meia-idade procurando corpos negros masculinos (jovens de preferência) e investidores estrangeiros (de maioria) brancos, que puxam os investidores locais para a bancarrota, construindo e planejando a infra-estrutura deste negócio lucrativo, constituem o cenário de *Vers le Sud*. Um business e mundo no qual “le pouvoir, l'argent ... le sexe,” este “trio infernal ... mène les hommes” (Laferrière, 2006, p. 17) conduzindo ao que William Harris (2005, p. 263) descreveu recentemente como “the brutalization of everyday place and person by conquistadorial legacies.” Albert, um chefe de mesa haitiano, resume de seguinte forma: “Autrefois, il y avait une morale. Aujourd'hui, je regarde autour de moi et je vois que tout s'écroule” (Laferrière, 2006, p.162). “Et l'amour?”, pergunta um dos homens de programa. Ao revelar os motivos dos envolvidos no *sex business*, o romance enfatiza que aqueles que buscam sexo, o fazem estimulado por cobiça, aborrecimento e desejo (o frenesim exótico na rotina monótona do dia-a-dia) e aqueles que se submetem às regras do jogo o fazem para sobreviver. Em outras palavras, aqui se trata não somente de contato intersubjetivo e intercultural. A troca dentro da zona de contato corporal pornografia emoções, sentimentos e costumes e neste processo recria subjetividades e identidades dentro de padrões hierárquicas de relações de poder: o ‘inter’ torna-se o ‘trans’ pornográfico da fala cultural neocolonial de corpos genderizados e sexuados.

Nos textos de Philip e Laferrière vibra uma poética política de localização no e pelo lugar, classe, corpo, sexo, gênero, idade, cor e história que determina a identidade dos personagens. Uma poética de resistência que problematiza o trauma da violação física, mental e cultural enquanto processo histórico no nível da enunciação. Esta poética traduz a dupla consciência enquanto entre-lugar ambivalente/ambigua (Du Bois) para dupla visão enquanto agir discursivo/identitário. Agir este que recria uma ligação epistêmica entre sujeito, história e discurso. Gostaria de chamar esta dupla escrita uma “transescrita” que “move *através de* um espaço intersticial dentro e entre fronteiras, atravessa os territórios culturais compostos de múltiplas zonas de contato e se esforça para ir *além* deste limbo intersticial, isto é, mudá-lo” (Walter, 2003, p. 31-32). É um tipo de escrita enquanto encruzilhada transcultural caracterizada

por apropriação, articulação e “re-visão”. Uma transescrita que recoloca o signo na encruzilhada de contato intercultural onde raça, etnicidade, sexualidade e gênero se cruzam num diálogo incômodo porque imbuído de violência cujas raízes remontam ao passado do sistema de plantação e são firmemente encravadas na rede rizomática de relações de poder. Uma transescrita que interrompe e (re)une revelando o ‘trans’ que atravessa o ‘multi’ das relações interculturais e que se alimenta do que Eduardo Galeano (2005, p. 92) tem recentemente chamado uma “*mémoire vivante*” enquanto prática social que sedimenta a história apocalíptica fragmentada/negada/falsificada de subjugação e resistência em consciência coletiva.

A transescrita de Philip e Laferrière, portanto, constitui e cria o lar discursivo e epistêmico enquanto “geografia simbólica”<sup>3</sup> numa nação, o Canadá, “sem tradição de escritura receptiva ... ao escritor africano” (Philip, 1997, p.71). Ao mesmo tempo, transnacionaliza/transculturaliza este lar, abrindo suas fronteiras para seus espaços fronteiriços. Cria uma consciência diaspórica que liga o Canadá com o resto da diáspora africana nas Américas e no mundo. Ela forja um senso de pertença constituído por uma confluência de diversos epistemes culturais que faz da nação canadense uma encruzilhada diaspórica caracterizada por diversos processos de transculturação e o que Ong (1999) chama de “cidadania flexível”. Desta forma, este tipo de transescrita, mediante um processo de apropriação epistêmica que reconstrói a identidade cultural, traduz o passado para o presente enquanto agir subalterno que conscientiza os leitores para, nas palavras memoráveis de Conceição Evaristo (2003, p. 130), criar “um outro destino” mediante o sofrimento lembrado; ou seja, este tipo de transescrita abre a história vivida/imaginada para futuras transformações socioculturais. A transescrita afro-diaspórica de Philip e Laferrière, portanto, suplementa a visão brandiana da entre-condição diaspórica enquanto errância esquizofrênica no “entre-mar” (Brand, 2002) e de Radhakrishnan (1996, p.175), que descreve a experiência diaspórica como uma “simultaneidade incomensurável e dolorosa ... que promete nem transcendência nem volta” no sentido de performar diversos tipos de relocação a partir da experiência do deslocamento. Já que este entrelaçamento de desterritorialização e reterritorialização é um processo contínuo dentro da transcultura(ção), gostaria de chamá-lo de translocalização: um tipo de localização que desloca (e reloca) o ‘multi’ para o ‘trans’ da tradução cultural. Se, como Nada Elia (2001, p.151) argumentou recentemente, “escritoras africanas são mediadoras ... funcionando de maneira liminar, então Philip e Laferrière, entre outros escritores afro-descendentes das Américas, situados no hífen entrelaçador de diversas culturas/identidades, são mediadores transculturais das conexões conflituosas que constituem estes espaços, lugares, culturas, epistemes e identidades.

---

<sup>3</sup> Segundo Stepto (1991, p. 67), “uma paisagem torna-se simbólica na literatura quando é um espaço cronotópico oferecendo expressões espaciais de estruturas sociais e lugares rituais por um lado e, por outro, *communitas* e *genius loci*”.



## BIBLIOGRAFIA:

- Appadurai, Arjun. "Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy." *Public Culture* 2.2 (1990): 1-24.
- Balibar, Etienne. "Is There a 'Neo-Racism'?" *Race, Nation, Class: Ambiguous Identities*. Etienne Balibar e Immanuel Wallerstein. London: Verso, 1991. 17-28.
- Bethel, Elizabeth R. *The Roots of African American Identity: Memory and History in Antebellum Free Communities*. New York: St. Martin's Press, 1997.
- Bhabha, Homi. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.
- Boyce Davies, Carole. *Black Women, Writing and Identity*. New York: Routledge, 1994.
- Brand, Dionne. *A Map to the Door of No Return: Notes to Belonging*. Toronto: Vintage, 2002.
- Castles, Stephen e Alastair Davidson. *Citizenship and Migration: Globalization and the Politics of Belonging*. New York: Routledge, 2000.
- Castles, Stephen, e Mark J. Miller. *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. London: Macmillan, 1993.
- Chambers, Iain. *Migrancy, Culture, Identity*. London: Routledge, 1994.
- Derrida, Jacques. *Dissemination*. Trans. Barbara Johnson. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.
- Du Bois, W.E.B. *The Souls of Black Folk*. Greenwich, Conn.: Fawcett, 1961.
- Elia, Nada. *Trances, Dances, and Vociferations: Agency and Resistance in African Women's Narratives*. New York: Garland, 2001.
- Evaristo, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Maza, 2003.
- Fanon, Frantz. *The Wretched of the Earth*. Trans. Constance Farrington. Harmondsworth: Penguin, 1967.
- Galeano, Eduardo. "Ce passé qui vit en nous." *Manière de voir* 82 (2005): 91-93.
- Gates, Henry Louis, Jr. *The Signifying Monkey: A Theory of African-American Literary Criticism*. New York: Oxford UP, 1989.
- Glissant, Édouard. *Caribbean Discourse*. Trans. J. Michael Dash. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992.
- . *La Cohée du Lamentin*. Paris: Gallimard, 2005.
- . *Poetics of Relation*. Trans. Betsy Wing. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997.
- . *Traité du Tout-Monde*. Paris: Gallimard, 1997.
- Klein, Naomi. *Fences and Windows: Dispatches from the Front Lines of the Globalization Debate*. Toronto: Vintage, 2002.
- Laferrière, Dany. *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer*. Montréal : VLB Éditeur, 1985.
- . *Vers le sud*. Montréal: Boreal, 2006.
- Lezama Lima, José. *La expresión americana*. Mexico D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- Mordecai, Pamela Claire. "Foreword." *Out of the Kumbia: Caribbean Women and Literature*. Org. Carole Boyce Davies e Elaine Savory Fido. Trenton, NJ.: African World Press, 1990. vii-viii
- Morrison, Toni. "Home." *The House That Race Built*. Ed. Wahneema Lubiano. New York: Vintage Books, 1998. 3-12.
- . "This Site of Memory." *Inventing the Truth. The Art and Craft of Memoir*. Org. William Zinsser. Boston: Houghton Mifflin, 1987. 103-24.
- Nora, Pierre. "Between Memory and History: *Les Lieux de Mémoire*." *Representations* 26 (Spring 1989): 7-25.
- Ong, Ahiwa. *Flexible Citizenship: The Cultural Logics of Transnationality*. Durham: Duke UP, 1999.
- Papastergiadis, Nikos. *The Turbulence of Migration: Globalization, Deterritorialization and Hybridity*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- Philip, Marlene N. *A Genealogy of Resistance and Other Essays*. Toronto: Mercury Press, 1997.
- . *She Tries Her Tongue: Her Silence Softly Breaks*. Charlottetown: Ragweed Press, 1996.
- Radhakrishnan, R. *Diasporic Meditations: Between Home and Location*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

Rich, Adrienne. When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision. In: *On Lies, Secrets, and Silence: Selected Prose 1966-1978*. New York: W.W. Norton and Company, 1979. p. 33-49.

Stepto, Robert B. *From Behind the Veil: A Study of Afro-American Narrative*. Urbana: University of Illinois Press, 1991.

UNHCR (Yearbook 2005): [www.unhcr.org/statistics.html](http://www.unhcr.org/statistics.html). Acesso em 05/08/2007.

Walter, Roland. *Narrative Identities: (Inter)Cultural In-Betweenness in the Americas*. Bern/Frankfurt: Peter Lang, 2003.